

## Os Dezenove

### II

#### Sergio Millies

Claudio Abramo apresenta apenas uma dúzia de desenhos, de uma displicência por vezes irritante. Improvisador brilhante, com mais espírito nas legendas do que no próprio traço, seu grafismo confuso revela, ocasionalmente, soluções curiosas. Um dos desenhos, entretanto, de uma mulher sentada á frente de uma mesa de café ou coisa que o valha, mostra-nos que, quando se disciplina, Claudio Abramo pode chegar á obra de arte. Como anotações, seus desenhos constituem uma caligrafia expressiva e nisso reside sua mais bela qualidade. Se a afirmação de Severini, de que se deve desenhar como se escreve, vale alguma coisa, Claudio Abramo não terá dificuldade em justificar a sua displicência.

Erico Camerini não aprendeu ainda a lutar contra sua faculdade de assimilação. Em todos os seus quadros está presente o seu mestre Bonadei. Tanto na composição como no colorido e no abuso do preto recorrendo as formas e insistindo na marcação dos ritmos, Camerini segue os ensinamentos do professor, fiel até na pesquisa de luz que caracteriza a última fase de Bonadei. Mas essa analogia, que é possível, afinal, atribuir a uma identidade de visão, de compreensão do problema pictórico e de sensibilidade, não é um decalque vulgar: é antes uma criação paralela, feita com inteligência e talento. Cabe-lhe agora sair da escola e tentar a caminhada sozinho. De que é capaz de fazê-lo, temos prova em duas ou três telas, como as de números 49 e 55, por exemplo, em que se liberta, se não pelo espírito ao menos pelo colorido. A de número 49 mostra que Camerini andou também estudando os cubistas e sobretudo os

néo-cubistas, como Derain ou Braque na última fase, dos quais tirou a solidez sem rigidez de certas formas geométrizadas. Nessa mesma tela a procura de uma materia mais pastosa o afasta de Bonadei. Temos ainda que louvar a sensibilidade dos carzós e azuis da tela 55, e, de um modo geral, o bom gosto do colorido. Seu desenho, embora sem grande expressão nem personalidade, é decidido, largo.

Eva Lieblich é um caso típico de indecisão. Não sabe ainda o que quer nem para onde irá, ora acompanhando mestre Volpi, ora seguindo Zanini, ora desandando em tentativas mais pessoais de sinese e de primitivismo. Não creio que a libertação se verifique tão cedo, mesmo porque vejo nela principalmente uma ilustradora que insiste em desviar-se de sua tendência natural. A prova de que afirmo está no seu desenho aquarelado (n. 63), minucioso e pitoresco, de excelente observação, bem composto e bem manchado. E não sem espírito.

Flavio Ciro Tanaka tem um temperamento indiscutível e uma bela compreensão dos problemas da pintura. É pena que sua palheta ainda se mantenha suja, o que dá a seu colorido alguma monotonia e ausência de luminosidade. Pelo amor ao assunto, pelo desembaraço com que compõe, pela sensibilidade, é mais do que uma promessa. A tela 81, de composição larga e original, um pouco atormentada, entretanto, nos ritmos, mas delicadamente vibrante em virtude dos verdes e vermelhos colocados com imaginação e discreção, lembra até certo ponto influências "fauvistas". Em alguns de seus trabalhos a valorização é deficiente e o jogo dos planos se acha prejudicado. Há indecisão nos contrastes, o que é um defeito quando não há intenção de abolir-los. Mas há honestidade de realização nesse pintor sem facilidades perturbadoras, que chega á expressão através de um esforço sensível.